

FURNA DO ESTRAGO, BREJO DA MADRE DE DEUS, PE: REFLEXÕES SOBRE O LUGAR DOS MORTOS NA PAISAGEM

Marinete Neves Leite¹

Viviane Cavalcanti de Castro²

Daniela Cisneiros²

Resumo: Este artigo pretende abordar o espaço funerário no contexto da paisagem do agreste pernambucano, a partir da análise do sítio arqueológico, Furna do Estrago, localizado no município do Brejo da Madre de Deus. A escolha da região do Agreste pernambucano para o desenvolvimento deste estudo se justifica pela expressiva presença de sítios arqueológicos, cujos principais trabalhos realizados até o momento estabelecem a filiação pictográfica à Tradição Agreste. Contudo, além dos registros rupestres e da presença dos artefatos da cultura material, existem espaços que são portadores de outros elementos do universo simbólico que remontam as práticas funerárias, como é o caso do sítio objeto da nossa pesquisa e seu espaço e entorno.

Abstract: This article aims to address the funerary space in the context of rural Pernambuco landscape, from the analysis of the site Furna do Estrago, located in the city Brejo da Madre de Deus. The choice of Pernambuco Agreste region for the development of this study is justified by the significant presence of archaeological sites, whose main work done to date to establish pictographic membership in the Agreste of Tradition. However, in addition to the records and the presence of artifacts of material culture, there are spaces that are carriers of other elements of the symbolic universe that go back the practices urns, as is the case of the site object of our research and your space and surroundings.

1 Discente (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

2 Departamento de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

O ambiente

O sítio Furna do Estrago está assentado no município do Brejo da Madre de Deus (Figura 1), na região do agreste pernambucano caracterizada como uma zona de transição, entre a Mata Atlântica e a Caatinga. Nos limites agrestinos estão presentes núcleos de Mata Serrana e de Caatinga e uma variedade de espécies e de condições climáticas e topográficas que denotam essa transição. O Agreste de Pernambuco tem início a 70 km do litoral, cuja faixa inicial está inserida numa área sedimentar constituída geologicamente pela Formação Barreiras. Nessa área, a vegetação original predominante era a Mata Atlântica, sendo denominada fisiograficamente como Zona da Mata. Na atualidade a Mata Atlântica se encontra extremamente reduzida em decorrência do processo de devastação iniciado com o extrativismo vegetal, com a exploração do pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), e posterior cultivo com base na monocultura da cana-de açúcar (*Saccharum officinarum* L). Na área limítrofe da Zona da Mata, tem início o levantamento da Província Borborema, onde está inserida a região Agreste. Possui uma área de 24.489 Km², ocupando 24,75% do Estado de Pernambuco e é definido, de modo geral, como uma zona de transição entre a região de mata e o sertão.

A transição de uma região úmida, com um nível pluviométrico que chega a atingir 2000 mm, cujo regime de chuvas é regular e o relevo varia do suave ao forte ondulado com elevações que não ultrapassam os 400 m, para outro contexto geomorfológico, com altitudes que chegam a ultrapassar os 1.000 m; além de outros aspectos, como a interação do relevo com o sistema de ventos, considerando-o como "barreira" natural; um quadro pedológico diferenciado em relação à composição, profundidade e estratificação, são fatores que contribuem para alterações climático-vegetacionais. São influências mútuas dos diversos elementos naturais que compõem o quadro natural do agreste e o individualiza.

É neste contexto ambiental que o sítio Furna do Estrago está configurado, destacando-se porém a geomorfologia mais particular da a área do município de Brejo da Madre de Deus que apresenta-se como um mosaico de morfofeições, largamente associado a superfícies aplainadas e pouco dissecadas.

Os pedimentos dessa área se elevam em pequenos patamares sem que haja uma ruptura brusca de gradiente condicionada por uma trama de falhas, ocasionando o confinamento de pequenos depósitos em alvéolos restritos ao ambiente fluvial. Conforme Silva (2009) essa uniformidade topográfica da superfície dos pedimentos só é interrompida pelos relevos residuais em forma de inselbergs e alinhamentos de serras, com altitudes variando de 500 a mais de 900 m.

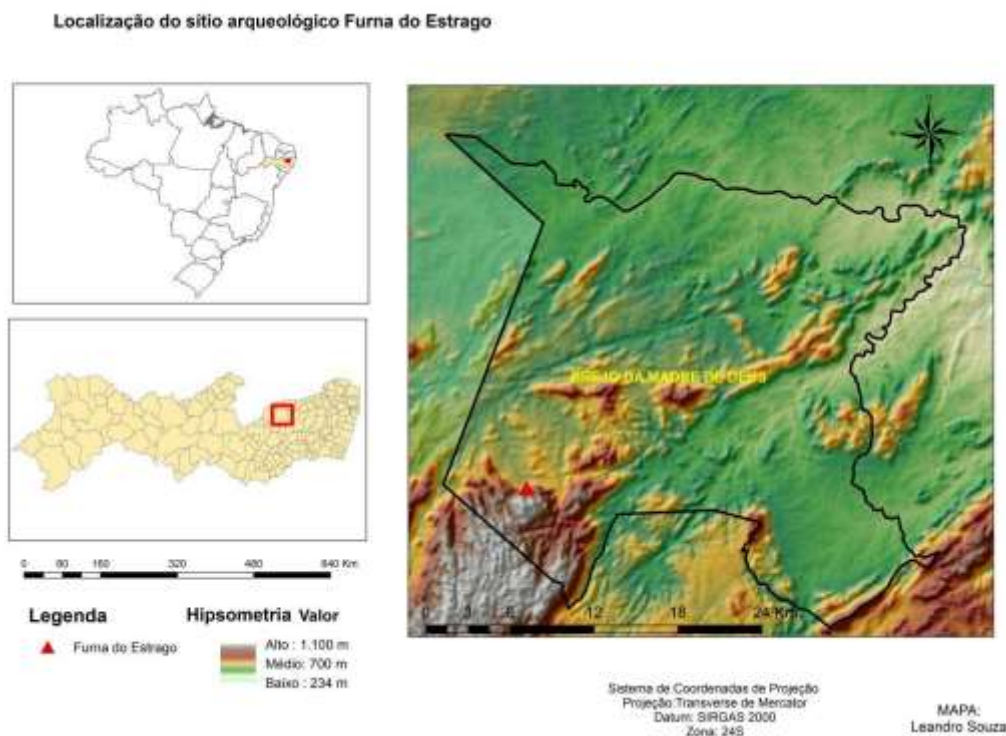


Figura 1: Mapa de localização do sítio Furna do Estrago, região agreste-PE.

O contexto Arqueológico

O sítio Furna do Estrago faz parte de um amplo contexto arqueológico, no qual se encontram outros sítios com vestígios de práticas funerárias, cujas pesquisas vem avançando nas últimas décadas.

As pesquisas arqueológicas sistemáticas na região do agreste pernambucano tiveram início em fins da década de 1970, com o *Projeto Agreste*, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e coordenado por G. Martin, visando o levantamento do potencial arqueológico dessa mesorregião, tendo como ponto de partida os sítios com grafismos rupestres.

Esse Projeto foi responsável pela prospecção, reconhecimento e catalogação de vários sítios com pinturas rupestres e pelo conseqüente levantamento do potencial arqueológico dessa região.

Com o avanço das pesquisas pôde ser observado o grande potencial arqueológico do Vale do Ipanema e do Vale do Ipojuca, que abrigam juntas mais de uma centena de sítios, que variam quanto a sua morfologia e a presença da cultura material. Constituem hoje nas áreas de maior expressão para os estudos de grupos pré-históricos no estado de Pernambuco.

A documentação levantada para esse trabalho pontuou os sítios identificados nessa mesorregião que tivessem em seu conjunto de vestígios, ossos humanos. Entre esses sítios destacam-se: Pedra do Caboclo, Cemitério do Caboclo, PE 91-MXa e Alcobaça.

A **Pedra do Caboclo**, é um abrigo sob rocha, localizado no município de Bom Jardim. Foi escavado durante os anos de 1968 e 1974 por A. Laroche. Em uma área específica, denominada “sala de enterratórios”, foram evidenciados materiais ósseos calcinados e carbonizados. Também foram identificados vários fragmentos cerâmicos o que para o autor poderia indicar que urnas foram utilizadas nos enterramentos. Foram encontrados outros vestígios, como contas de colar, pingentes, tembetá, objetos de madeira e material lítico. Porém devido à perturbação ocorrida no sítio não foi possível relacioná-los diretamente aos sepultamentos (Laroche, 1970).

O **Cemitério do Caboclo**, é um abrigo sob rocha, localizado no município de Venturosa, no sopé da serra do Bocu, a uma altitude de 710 m. Foi escavado por V. Luft em fins da década de 1980.

O abrigo apresenta em seu teto um único painel de 2,7 m de largura e 1,3 m de altura formado por uma figura antropomorfa pintada em vermelho e identificada com características da Tradição Agreste, além de algumas manchas sem possibilidade de reconhecimento de elementos da realidade sensível.

O Cemitério dos Caboclos apresenta uma única camada sedimentar de 27cm de espessura, escavada em quatro níveis artificiais. Os vestígios de enterramento presentes no sítio são do tipo secundário em cova, sem ordenação dos ossos. Segundo Luft, os ossos estavam bastante queimados e fragmentados, sendo raro a presença de ossos inteiros, o que se deve ao fato da presença de fogueiras sobre eles, impossibilitando a definição de sexo ou idade. Os ossos embora muito quebrado puderam ser submetidos ao método da contagem mínima de indivíduos, obtendo como resultado um número mínimo de quinze indivíduos adultos e nove jovens.

Para Luft³ são as estruturas de fogueiras que guiam a distribuição do material encontrado. O material lítico, ósseo e cerâmico está distribuído pelos espaços não ocupados por elas. As covas estão estruturadas por pedras e têm forma circular de dimensões não mencionadas nas publicações.

Em alguns conjuntos de ossos pode ser verificada a presença de cultura material acompanhando os esqueletos, como adornos feitos de contas de sementes e pedras e pingentes feitos de ossos.

3.LUFT,V.J. A Pedra do Tubarão: um sítio da tradição Agreste em Pernambuco. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da UFPE. Recife: 1990. p.40.

A datação do carvão encaminhado para laboratório ainda não foi publicada. Não podemos fazer para este sítio inferências sobre datações relativas, visto que tanto o material cerâmico, quanto o material lítico encontrado, não pertencem à área dos enterramentos.

O sítio **PE 91 – MXa** escavado na década de 1980 por Marcus Albuquerque, esse sítio faz parte do projeto de cadastramento inicial dos sítios pré-históricos do Vale do Catimbal no município de Buíque (PE), a fim de se obter um mapeamento dos sítios na região.

O conjunto estratigráfico do sítio escavado, seguindo a orientação de níveis artificiais, revelou ocupação humana no nível inferior a 3m da superfície atual⁴. Os enterramentos ali localizados foram realizados no interior da caverna e não apresentavam vestígios de cremação ou fogueiras. Nesse sítio todos os enterramentos são primários e os esqueletos estavam acomodados na posição fetal. A área dos enterramentos foi datada em 6.640±95 anos B.P.⁵

Foram também evidenciadas junto aos enterramentos, cestas de fibras vegetais, depositadas sobre a cabeça dos mortos. As covas eram circulares, e estavam estruturadas com pedras e restos vegetais de orientação e dimensões não mencionadas pelo autor. Assim como a quantidade de esqueletos, tratados sempre como conjunto ósseo.

O sítio Alcobaça foi escavado pela arqueóloga Ana Nascimento, entre os anos de 1996 e 2001. Localizado no município de Buíque (PE), sob as coordenadas 8°32'24" S e 37°11'39" W, constitui-se em um abrigo sob rocha voltado para Sudoeste, situado a aproximadamente 800 m em relação ao nível do mar. O paredão rochoso que compõe o abrigo possui grafismos rupestres, com características morfológicas da tradição Agreste, formando um painel com 40m de comprimento e largura variando entre 2 e 3m.

As datações publicadas do sítio situam os enterramentos entre 1812±26 anos BP e 2405±30 anos BP.

Os cinco enterramentos identificados no sítio Alcobaça eram do tipo secundário e estavam depositados em covas sem aparente ordenamento. Os ossos apresentavam-se bastante fragmentados, dificultando a determinação do sexo e idade dos esqueletos. A identificação do número de indivíduos por cova foi realizada pelo método de contagem mínima.

Outros sítios, porém, foram documentados como sítios que apresentam ossos humanos, mas não foram sítios que passaram por sistemáticas escavações para identificação de práticas funerárias. Entre eles: Cavernas do Angico, Morro dos Ossos, Pedra do Tubarão, Toca da Bica, Pedra da Caveira, Alcobaça II, PE 48 – Mxa, Cachorro II e Furna do Nego

4. Não existem dados sobre a topografia da área tampouco mapas que a revele.

5. A publicação não indica o laboratório onde foi realizada a datação.

O sítio Furna do Estrago

As pesquisas arqueológicas no município do Brejo da Madre de Deus foram realizadas inicialmente pelo pesquisador Marcos Albuquerque no final da década de 1960. Posteriormente, a equipe do Núcleo de Estudos Arqueológicos-NEA da UFPE efetuou algumas prospecções na área através “Projeto Agreste”. Nas décadas de 1980 e 1990 Jeanette Lima, da Universidade Católica de Pernambuco, assumiu as pesquisas neste município, integrando o “Projeto de Pesquisas Arqueológicas do Município do Brejo da Madre de Deus”, que tinha como objetivos inventariar os sítios existentes no município, realizar escavações e incluir alguns sítios em roteiros de turismo cultural. Durante a execução do referido projeto foram cadastrados sítios de pintura rupestre e selecionado um desses, o abrigo denominado Furna do Estrago, para a realização de atividades de escavação arqueológica. Da década de oitenta até os dias atuais estudos adicionais foram realizados com o material resgatado deste sítio.

O sítio Furna do Estrago corresponde a um abrigo sob rocha localizado na meia encosta norte da Serra da Boa Vista, nas coordenadas UTM 787610E e 9098454N a uma altitude de 650m.

O relevo faz parte do Maciço da Borborema com afloramentos de rocha cristalina nos pontos mais elevados e de matacões dispersos por todo cenário ambiental. O abrigo possui abertura de 19m voltada para nordeste, altura de 4,80m e profundidade de 8,80m. É constituído por um único salão com 125 m² de área coberta.

As pesquisas arqueológicas realizadas neste sítio ocorreram durante os anos de 1982, 1983, 1987, 1994 e 1996 através de breves campanhas arqueológicas. Essas campanhas foram responsáveis pela escavação de 15m² da área coberta, restando ainda 76m² disponíveis para futuras intervenções arqueológicas.



Figura 2: Paredão da Serra da Boa Vista que Abriga o Sítio Furna do Estrago



Figura 3: Vista da entrada do sítio Furna do Estrago. Fonte: Viviane Castro (2011)

Nesse abrigo foram descobertos 30 enterramentos superpostos entre os níveis arqueológicos 3 e 8.

Lima (1995) estimou uma cronologia entre 1000 e 2000 anos, baseada nos vestígios das camadas 5 (8.495 anos B.P.) e 2 (1040 anos B.P.), (Tabela 4) inferindo para o período duas ocupações de grupos que utilizaram o espaço como cemitério (denominadas pela autora de ocupação intermediária e ocupação recente) e outras duas (ocupação pleistocênica e ocupação antiga) relacionadas a grupos caçadores e coletores (Figura 5).

Para J. Lima, durante esse período o sítio foi utilizado apenas como cemitério; a população correspondente, deveria ter um aldeamento nas imediações. Apesar das perturbações decorrentes da reutilização do espaço do sítio para os enterramentos, a maior parte deles estava em boas condições, o que facilitou a observação das fossas funerárias e dos esqueletos.

Entretanto, dos sessenta enterramentos apenas onze foram descritos na documentação do sítio⁶, sendo possível observar e segregar os elementos da unidade funerária. Destes onze todos foram depositados em cova e correspondem a enterramentos individuais e primários.

A primeira fase de ocupação, que foi observada por Lima (1985), possui a cronologia mais recuada, 11.060 ± 90 B.P, correspondente ao início do período Holoceno, cujos testemunhos arqueológicos, além do carvão, são vestígios líticos (lascas de quartzo). Porém, esse material evidenciado em uma pequena fresta entre blocos de rocha caídos do teto (LIMA, 1985),

6.Os trabalhos conclusivos sobre os enterramentos do sítio Furna do Estrago, realizados pela arqueóloga J.Lima, aguardam publicação e não puderam ser consultados para esta pesquisa.

mostrando que a ocupação do sítio pode ser ainda mais antiga se novos vestígios da cultura material foram localizados sob estes blocos de rocha.

Quadro 1: Datações de C-14 do sítio Furna do Estrago

Datação C-14	Laboratório	Material datado
11060 ± 90 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão a 130 cm
9150 ± 90 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão corte 4 (entre 95 e 105 cm)
8495 ± 70 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão corte 4 (entre 80 e 90 cm)
1860 ± 50 B.P.	Beta 145954	Esqueleto F-18
1730 ± 70 B.P.	Beta 149749	Esqueleto F-87.23
1610 ± 70 B.P.	Beta 145955	Esqueleto F-45
1040 ± 50 B.P.	Smithsonian Institution	Carvão corte 2 (entre 25 e 30 cm)

Fonte: (LIMA, 1985; 2001)

A segunda ocupação possui datação que vai de 9.150 ± 90 B.P. a 8.495 ± 70 B.P., correspondente às camadas 5 e 6. Essas camadas foram formadas quase que exclusivamente por "cinzas de fogueiras continuamente alimentadas, que testemunham a utilização do abrigo como sítio habitação de um grupo de caçadores-coletores" (Lima, 1985:38). Lima (1985; 2001) considera este um horizonte de ocupação devido aos materiais associados às cinzas, bem como diversas espécies de moluscos terrestres, com predominância dos *Megalobulimus* (gênero de gastrópodes da família Strophocheilidae), alguns com vestígios de utilização como instrumentos; ossos de pequenos animais como o *Galea spixii* (Preá), *Kerodon rupestris* (Mocó); o material lítico é composto basicamente por lascas de sílex; material corante e vestígios vegetais, como a *Attalea* (Jussara), *Syagrus oleracea* (Catolé), entre outras espécies representativas da flora local.

Na terceira fase de ocupação, situada cronologicamente entre 8.495 ± 70 B.P e 1.040 ± 50 B.P, há um longo intervalo de tempo onde os vestígios arqueológicos correspondem a contextos funerários de uma população que utilizou o sítio Furna do Estrago como cemitério há aproximadamente 2.000 anos. Conforme Lima (1985), essa população deveria ter aldeamento próximo a Furna, cujas fossas funerárias estão presentes desde a camada 3 até a camada 8.

Parte das pesquisas sobre os enterramentos da Furna do Estrago centrou-se nos estudos osteológicos, paleopatológicos e paleodemográficos (Mello e Alvim; Mendonça de Souza, 1983-84, 1984, 1991; Mello e Alvim (1992); Mendonça de Souza (1992, 1995); Carvalho (1992, 1995); Rodrigues (1997)); fatores tafonômicos e anomalias de desenvolvimento (Carvalho; Queiroz; Moraes, 2007) e paleoparasitológicos (Duarte, 1994). Outra parte na descrição das ocupações pré-históricas, práticas funerárias e estudos de identidade e gênero (Lima, 1984, 1985, 2001), Cisneiros (1999), Castro (2009) e Danubia (2012).

Há também pesquisas sobre o sítio que concentram-se no contexto paleoambiental (Canto, 1998) e nos remanescentes faunísticos (Lima, 1992; Queiroz, 1994) e florísticos (Menezes, 2006) no contexto do sítio.

Atualmente, novas pesquisas realizadas no Agreste pernambucano que abarcam diferenciados aportes teórico-metodológicos, trazem como resultados iniciais o registrados novos sítios na área do Brejo da Madre de Deus. O inventário de sítios cadastrados nessa região demonstra que em quase todos os distritos e povoados do município foi registrada a presença de sítios arqueológicos pré-históricos indicando que houve uma ampla ocupação nos tempos pretéritos. Mais recentemente,

O lugar dos mortos na paisagem

As práticas funerárias estão inseridas nas ações sociais materiais, imateriais e simbólicas realizadas por grupos humanos ao longo do tempo. Tais práticas norteiam o comportamento social empregado por qualquer grupo humano quando o mesmo prepara o morto para ascender ao destino final. As práticas funerárias, portanto abarcam ações que vão desde o preparo do corpo do morto até o seu depósito final, ou seja, a escolha do lugar, o destino final, o espaço no qual o indivíduo será inumado.

No passado o agreste pernambucano foi povoado por grupos humanos que estabeleceram as mais diversas interações com o meio físico, com a paisagem da região, na qual forjaram suas ações ordinárias e extraordinárias, registradas nas materialidades que também se encontram imregnadas de conteúdos imateriais e simbólicos.

Desta forma, a paisagem é uma construção social, caracterizada pela relação de influência mútua entre o homem e o meio. Enquanto construção social apresenta a materialidade das ações humanas, numa composição representativa da produção cultural ao longo do tempo, marcada nos sítios arqueológicos e no entorno onde os mesmos se encontram inseridos. Segundo Criado Boado:

Tenemos que reconocer que el paisaje se manifiesta en productos materiales de distintas escalas (monumentos, construcciones, herramientas, cacharros, decoración, tatuajes, etc.) y presenta múltiples niveles de articulación espacial desde el entorno natural hasta el personal (mas en concreto: espacio salvaje, espacio social, vecinos, comunidad, muerte, vida, uso do suelo, asentamiento, producción, casa, grupo, individuo...). Estos en realidad se corresponden con los diferentes niveles espaciales de las prácticas sociales (lo natural, o silvestre, o exterior, la comunidad, La muerte, La producción, lo doméstico, lo individual, la cultura material) (BOADO, 1999: 10).

Consideramos que as interações antrópicas ocorridas no meio ambiente podem ser concebidas como paisagens culturais, porquanto se tornam objeto de preservação enquanto patrimônio material e imaterial, marcas da memória e da identidade cultural dos grupos humanos. Neste contexto, a paisagem pode ser entendida como:

(...) expressão formal dos numerosos relacionamentos existentes em determinado período entre o indivíduo ou uma sociedade e um território topograficamente definido, cuja aparência é resultado de ação ou cuidados especiais, de favores naturais e humanos e de uma combinação de ambos. (CURY, 2000:331 apud SEEMANN, 2007).

Assim, discorrer sobre o uso de um lugar do ponto de vista arqueológico, implica em refletir sobre as escolhas culturais vinculadas aos grupos humanos que ali transitaram e ocuparam, submetendo-o a um processo de alteração para o fim escolhido. No tocante as práticas funerárias, a que se cogitar que a escolha para assentar um cemitério, implica em alguns critérios que assinalam o espaço como elemento de referência para o grupo humano em questão, portanto no caso do sítio funerário Furna do Estrago a escolha não foi fortuita.

Na paisagem natural, foram deixados vestígios da passagem humana, que a transformaram também numa paisagem cultural, expressa nos sepultamentos e na cultura material produzida pelo homem pré-histórico. De modo que, todo e qualquer grupo humano ou atividade coletiva mantém relação com o espaço.

A população sepultada na Furna do Estrago é morfologicamente homogênea, segundo Lima (2001), constituída por indivíduos braquicéfalos, sua estatura é de média à baixa. Os homens possuem entre 1,57 m e 1,63 m e as mulheres entre 1,49m e 1,59m (Mello & Alvim e Souza, 1984). Lima (2001: 109) afirma que "a análise dos três níveis de sepulturas e sua correlação com sexo, idade, características genéticas ou morfológicas, permitiu verificar a semelhança entre muitos indivíduos ali sepultados". Lima e Mendonça de Souza (1994) demonstram a afinidade biológica entre os indivíduos FE19, FE1, FE7, FE8, FE6, FE3, FE4 e FE5, cujas sepulturas compunham o nível intermediário, bem como o esqueleto FE16, do nível antigo e o FE17, nível recente. Estes últimos, de acordo com Lima (2001), foram sepultados muito próximos um do outro, fato que sugere que no processo de enterramento teria sido considerado um arranjo espacial associado ao vínculo parental biológico.

Assim, a escolha do sítio Furna do Estrago para fins de sepultamento está associada à manutenção de um espaço de uso contínuo por um mesmo grupo, ligados por laços de parentescos conforme indicam os níveis de ocupações datados, e com base no arranjo espacial de alguns sepultamentos com indicadores de parentesco.

Na visão do geógrafo M. Santos (1997) o espaço geográfico é a coexistência das formas herdadas que podem ser expressões de outras funcionalidades, reconstruídas sob uma nova organização com formas novas em construção, ou seja, é a coexistência do passado e do presente ou de um passado reconstituído no presente. Isto permite considerar os elementos tempo-espaço, indissociáveis, o que implica refletir o espaço a partir da coexistência de

tempos distintos, tempos tecnológicos diferentes, resultando daí inserções diferentes do lugar no sistema regional.

Os sítios arqueológicos são elementos representativos da identidade social dos indivíduos, preservados nos elementos marcadores de uso do espaço. Os sítios arqueológicos estão configurados no espaço e no tempo, assim, cada aspecto e detalhe do lugar que foi ocupado por um grupo correspondem a algum aspecto de sua vida e da sociedade na qual está inserido. Conforme Lima (1985), o meio físico da região se configurava como um oásis para populações e animais, em meio ao clima semiárido. Resultado disso é a expressiva quantidade de sítios arqueológicos presentes no entorno do sítio Furna do Estrago.

Esta concentração de sítios arqueológicos na região indica que as populações indígenas pré-históricas ocuparam de forma intensa este território. No próprio sítio em questão, foram evidenciados sucessivos pisos de ocupação humana, ao longo de aproximadamente 11.000 anos B.P., sendo o cemitério a penúltima ocupação.

A Serra da Boa Vista (Figura 5) na qual se encontra assentado o abrigo Furna do Estrago, é um marco paisagístico, um referencial geográfico no contexto do lugar. Por outro lado, o abrigo Furna do Estrago (Figura 6) é um signo paisagístico representativo dos cuidados especiais destinados aos mortos, tanto na esfera material quanto na simbólica. O abrigo Furna do Estrago foi palco de atividades contínuas que o transformaram num referencial enquanto espaço funerário para os grupos humanos que o utilizaram. Tais grupos se apropriaram e mantiveram uma relação de pertença com o próprio sítio, o lugar e a paisagem circundante (Figura 7).



Figura 5: Vista geral da Serra da Boa Vista

O uso do abrigo como cemitério denota a escolha do espaço destinado à preservação não apenas dos vestígios mortuários, mas também da identidade coletiva e memória social do indivíduo, respaldada no conjunto de elementos culturais e biológicos que revelam a associação entre os humanos do grupo. Os vestígios funerários foram preservados no tempo e no espaço, devido às condições de proteção natural fornecidas pelo abrigo frente às intempéries naturais. Por fim, o lugar dos mortos é um signo na paisagem, circunscrito e preservado no tempo e no espaço, resultado das ações referendadas pela continuidade e permanência do ritual funerário.

As práticas funerárias se revestem de uma série de ações de natureza material, imaterial e simbólica. Por isso, consideramos que as práticas funerárias desenvolvidas no sítio Furna do Estrago se fundamentaram em determinados critérios indicadores de “escolhas culturais” dos grupos humanos. Assinalamos que a definição do espaço no qual o indivíduo foi sepultado, ou seja, o lugar na paisagem destinado aos mortos é parte das escolhas culturais no que concerne às práticas mortuárias.

Por outro lado, salientamos que em outros municípios da região agreste de Pernambuco existem sítios arqueológicos supracitados que apresentam semelhanças, mas também diferenças, quanto à escolha do espaço funerário e dos procedimentos empregados nos sepultamentos. São exemplos: os sítios Alcobaça no município de Buíque, e Furna do Nego, no município de Jataúba, entre outros. De modo que, é necessária a realização de estudos que confrontem os dados oriundos do contexto funerário da região do agreste pernambucano de modo mais amplo, considerando os sítios como espaços funerários, dispostos de forma relevante na paisagem.



Figura 6: Interior do abrigo Furna do Estrago – Espaço funerário



Figura 8: Vista geral - Paisagem circundante do abrigo Furna do Estrago

Referências

- AGUIAR, A. A Tradição agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. *Clio, Série Arqueológica: Revista do Curso de Mestrado em História, Recife*, v.1, n.3, p. 7-78, 1986.
- BOADO, F. C. Del Terreno al Espaço: planteamientos y perspectivas para la Arqueología del Paisage. *Criterios y Convenciones em Arqueología del Paisage – CAPA 6 Grupos de Investigación en Arqueología del Paisage*. Universidade de Santiago de Compostela, 1999.
- CANTO, A. C. Caracterização Geoarqueológica e Paleoambiental do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE/Brasil. 1998. 201f. Dissertação (Mestrado em Geociências) – Pós-Graduação em Geociências, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.
- CARVALHO, O. A. Análise das anomalias de desenvolvimento na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco, Brasil. 1995. 114f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Publica/Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1995.
- CARVALHO, O. A. Espodilólise e variações morfológicas congênitas identificadas na população pré-histórica do sítio Furna do Estrago, Pernambuco. *Symposium, Recife*, v. 34, n.2, p. 180 -195, jul./dez. 1992.
- CARVALHO; O. A. QUEIROZ, A. N.; MORAES, F. A. Diagnóstico diferencial entre fatores tafonomicos, anomalias de desenvolvimento e casos patológicos nos crânios exumados do sitio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. *Canindé, Aracaju*, n.10, p. 27-49, dez. 2007.
- CISNEIROS, D. Práticas funerárias na pré-história do Nordeste do Brasil. 2004. 136f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

- DUARTE, A. N. Estudo paleoparasitológico em coprólitos do sítio arqueológico Furna do Estrago, município do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- FERREIRA, J. E. Sítios da Serra do Cachorro, Brejo da Madre de Deus/Pernambuco, Brasil: uma contribuição ao estudo da área arqueológica dos Cariris Velhos. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Pernambuco - Recife, 1998.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- LIMA, D. V. R. de. Sobre Morte e Gênero: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Pernambuco - Recife, 2012.
- LIMA, J. M. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus - Pernambuco. 1985. 143f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Cultural) – Programa em Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1985a.
- LIMA, J. M. Arqueologia da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus – PE. *Clio - Série Arqueológica*, Recife, n.7, p.97-111, 1985b. (Arqueológica, 2).
- LIMA, J. M. Arqueologia do Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. *Clio - Série Arqueológica*, Recife, n.6, p.91-94, 1984b. (Arqueológica, 1).
- LIMA, J. M. El sitio arqueológico Furna do Estrago – Brasil: Em uma perspectiva antropológica y social. 2001. Tesis (Doctorado en Antropología) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2001.
- LIMA, J. M. Estudos Zôo e Fitoarqueológicos em Pernambuco. *Symposium*, Recife, v. 34, n.2, p. 146-179, jul./dez. 1992.
- LIMA, J. M. Pesquisa arqueológica no município do Brejo da Madre de Deus - Pernambuco. *Symposium*, Recife, v. 26, n.1, p. 9-60, 1984a.
- LUFT, V. A Pedra do Tubarão: Um Sítio da Tradição Agreste em Pernambuco. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 1990. 136p.
- MARTIN, G. Pré-História do Nordeste do Brasil. 4. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2005a. 434p.
- MELLO e ALVIM, M. C.; MENDONÇA DE SOUZA, S. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago - Pernambuco, Brasil – Nota prévia. *Arquivos do Museu de História Natural*, Belo Horizonte, v. 8-9, p. 349-363, 1983-1984.
- MELLO e ALVIM, M. C.; MENDONÇA DE SOUZA, S.. Os esqueletos humanos da Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil – Nota Prévia. *Symposium*, Recife, v.26, n.1, p. 61-86, 1984a.
- MELLO e ALVIM, M. C.; MENDONÇA DE SOUZA, S.. Os esqueletos humanos na Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco. *Clio - Série Arqueológica*, Recife, n.6, p.95-97, 1984b. (Série Arqueológica).

MENDONÇA DE SOUZA, S. Estresse, doença e adaptabilidade: estudo comparativo de dois grupos pré-históricos em perspectiva biocultural. 1995. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

MENDONÇA DE SOUZA, S. Traumatismos vertebrais como indicadores de atividade física na população da Furna do Estrago, Pernambuco. In: ARAÚJO, Adauto. J.G.; FERREIRA, L. F. (Orgs.) Paleopatologia e Paleoepidemiologia: estudos multidisciplinares. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz, 1992. p. 123-139.(Panorama ENSP, 4).

MENDONÇA DE SOUZA, S.; MELLO e ALVIM, M. A população pré-histórica da Furna do Estrago: adaptação humana ao Agreste pernambucano. Symposium, Recife, v. 34, n.2, p. 123-145, jul./dez. 1992.

MENEZES, A. V. A. Estudo dos macro-restos vegetais do sítio arqueológico Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. 2006. 100f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

NASCIMENTO, A. L. O sítio arqueológico Alcobaça: Buíque, Pernambuco estudo das estruturas arqueológicas. 2001. 186f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

NASCIMENTO, A. L. O sítio arqueológico Alcobaça: sítio referência no Vale do Catimbau - Buíque - PE. MELLO e ALVIM, M. C.; MENDONÇA DE SOUZA, S., Recife, v. 2, n.21, p. 5-39, 2006. 1 CD-ROM.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, São Paulo, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/43.pdf>.

PROENÇA, A. L. Onde viviam aqueles que aqui passaram? Proposta interpretativa para as ocupações pré-coloniais no Agreste pernambucano. 2008. 165f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

RODRIGUES, C. D. Perfil dento-patológico nos remanescentes esqueléticos de dois sítios pré-históricos brasileiros: o cemitério da Furna do Estrago (PE) e o sambaqui de Cabeçuda (SC). 1997. 99f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública/ Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1997.

SANTOS, C. O Patrimônio Arqueológico Pré-histórico do Agreste Pernambucano: fronteiras de Valorização. Relatório do CNPq. Recife, 2007.

SANTOS, G. C. Estudo tafonômico da arqueofauna reptiliana do sítio Furna do Estrago, Brejo da Madre de Deus, Pernambuco, Brasil. 2006. 72f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

SANTOS, M. A Natureza do Espaço. 4ª ed. Editora Edusp. São Paulo, 1997.